



INNOVAR

Chamada para a submissão de artigos para o número especial:
Pensar os estudos organizacionais a partir da realidade de seu objeto de estudo

Editor e Editora Convidados

Diego René Gonzales-Miranda, PhD Universidad Eafit, Colômbia. dgonzal8@eafit.edu.co

Maria Ceci Misoczky, PhD Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. maria.ceci@ufrgs.br

Justificativa

Os estudos organizacionais (EO) vêm sendo desenvolvidos como um espaço de pesquisa e ensino sem que haja consenso sobre sua definição ou sobre critérios de pertencimento. Um dos poucos acordos é que os EO se constituem, desde suas origens, com a “marca” da interdisciplinaridade, em que, principalmente, as diferentes disciplinas das Ciências Sociais e Humanas compartilham o interesse por estudar as organizações e os processos organizacionais. Faria (2014) esclarece que “os estudos disciplinares (sociologia das organizações, psicologia organizacional, economia industrial, gestão organizacional etc.) tendem a abordar aspectos muito particulares do fenômeno” (p. 58). A potencialidade dos EO reside precisamente em produzir conhecimento sobre a realidade organizacional em um diálogo permanente com diversas disciplinas.

Mais além desse acordo, as tentativas de definir os EO se constituem em leituras parciais que tendem a generalidades e superficialidades. Por isso se encontram declarações em que é afirmado que os EO são “um discurso constituído por uma matriz de textos, teorias, conceitos, práticas, formas e ajustes institucionais”, ou “um espaço discursivo conectado ao significante ‘organizações’”, ou “uma capacidade de falar com autoridade sobre organizações” (Westwood e Clegg, 2003, p. 1). Outra definição anuncia que os EO se constituem como “uma análise sustentada de impulsos organizacionais genéricos que moldam modos contemporâneos de análise, códigos de comportamento, maneirismos sociais, vestuários, gestos, posturas, regras do direito, disciplinas do conhecimento etc.” (Chia, 2003, p. 98); ou a mais conhecida proposição de Nord *et al.* (1996): “de fato, conceituamos esses estudos como uma série de conversações múltiplas, sobrepostas, que refletem, reproduzem e rejeitam conversações anteriores” (p. 1).

Assim, a falta de exatidão ou delimitação permite inferir que nos EO, podem caber muitos temas, sem diferenciar perspectivas ou posicionamentos epistemológicos, e que se poderia dizer de maneira irreverente que os EO são qualquer coisa, são tudo e, por isso, poderiam ser nada, embora haja várias propostas que buscam delimitar o campo e, com isso, diferenciá-lo de uma visão ampla e ambígua. Esses esforços partem sempre de definir os EO a partir de seu objeto de estudo: a organização. É assim como, por exemplo e entre outros, Ramírez-Martínez *et al.* (2011) afirmam que os EO tentam “explicar a complexidade [...] do fenômeno organizacional em sua ampla diversidade” (p. 23). Faria (2014), por sua vez, afirma que os EO devem “considerar a organização como objeto de pesquisa em sua materialidade” (p. 58).

Outro aspecto sobre o que não há consenso é a relação entre os EO e a administração e a gestão. Essa é uma polêmica histórica, inclusive porque os EO têm, em sua origem, uma relação genética com a administração. Nas últimas décadas, sob a vigência do gerencialismo, é possível reconhecer uma tendência cada vez mais presente de considerar os EO como subordinados à gestão, como se exemplifica na expressão que se encontra repetidamente em diferentes espaços acadêmicos: *Management and Organization Studies*. Nesse tipo de abordagem, o objeto do estudo dos EO é a gestão — pondo seu objeto de estudo no mesmo nível e em sintonia com o gerencialismo —, razão pela qual as pesquisas são realizadas para aperfeiçoar (seja no sentido pragmático da eficiência, seja no sentido de humanizar) a gestão. Uma delimitação tão estreita exclui dos EO as organizações e os processos organizacionais que não se referem à gestão e, portanto, a atividades de controle sobre a produtividade e os grupos sociais.

Uma reflexão que se convida é no sentido de problematizar o excessivamente genérico e o desmedidamente específico no que se refere a nosso campo de estudo. Para isso, é imprescindível iniciar por problematizar o próprio sentido de *organização*. Mais uma vez, há um sentido mais genérico em que “organização” é uma palavra de uso cotidiano impregnada de um senso comum positivo. Nos EO, não é diferente. Basta com que tomemos a dimensão moral de algo bom que Barnard (1971) atribui à organização quando o líder é capaz de fazer com que as pessoas se comuniquem entre si e, por crença no objetivo comum, desejem contribuir com suas ações para realizá-lo. Há também um sentido mais específico, segundo o qual, “organização” é sinônimo de “organização formal” ou, mais concretamente ainda, é predominantemente sinônimo de “empresa”, apesar da existência de outras acepções referidas a outro tipo de espaços e atividades sociais.

O que se encontra é que, ao não se pensar o campo dos EO a partir de seu objeto de estudo; ao não se considerar *organização* a partir de suas formas manifestas na realidade; ao não se buscar ajustes entre a teoria e a realidade que se pretende denotar, como indica Zemelman (2005), se termina inventando realidades. O desafio que apresentamos nesta chamada para publicar em uma nova edição especial sobre EO é inspirado na proposição de Zemelman (2005) sobre o pensar epistêmico; se trata de teorizar sob a realidade sócio-histórica de organizações e processos organizacionais situados em realidades concretas. Portanto, é um convite também a não ficar presos ou determinados por conceitos tomados de textos sem discussões e reflexões, como se a realidade fosse homogênea nos diferentes países e contextos sócio-históricos. É preciso evitar as imposições de armaduras metodológicas que acabam por aprisionar os EO em determinados modelos teóricos ou processos metodológicos preconcebidos; por isso, esta é uma oportunidade para explorar as categorias como possibilidades de conteúdo; para atrever-se a propor problemas sem se refugiar no conforto da reprodução automatizada da bibliografia legítima que se acaba e reproduzindo sem propor construções próprias.

Escopo da edição especial

Se faz um convite para compartilhar contribuições que, a partir da realidade sócio-histórica e das organizações e processos organizacionais socialmente produzidos em contextos e relações específicas, contribuam para enriquecer os EO mais além de generalidades vazias de conteúdo e especificidades orientadas pelo princípio da manipulação, para a prática imediata e a usabilidade. Este é um chamado para seguir no processo de construção do campo dos EO a partir da problematização de um objeto de estudo situado no contexto local e real dos problemas presentes na sociedade. Para isso, convidamos a submeter textos que resultem de trabalhos de pesquisa e reflexões teóricas que abordem um ou vários dos seguintes temas — mas não se limitando a eles —:

- Especificidades dos EO nos diferentes contextos sócio-históricos de Nossa América;

- Contribuições onto-epistemológicas e metodológicas que orientam o desenvolvimento de pesquisas e de teorias-categorias na produção de conhecimento sobre organizações ou processos organizacionais;
- O objeto de estudo dos EO – teorização a partir da realidade das organizações ou processos organizacionais;
- A relação entre EO e gestão: repercussões para o desenvolvimento teórico-empírico do campo.

Idiomas em que os artigos podem ser submetidos

Espanhol, português ou inglês.

Condições para submissão

Deverão ser atendidos todos os critérios de estrutura, extensão e regras de citação e referências bibliográficas estabelecidos pela revista *Innovar* em suas instruções para autores:

<https://revistas.unal.edu.co/index.php/innovar/about/submissions#authorGuidelines>

Um número limitado de artigos será selecionado pelos editores convidados para a publicação neste número especial.

Datas relevantes

- Chamada para submissão de artigos: setembro de 2022.
- Prazo para recebimento: 1º de fevereiro de 2023.
- Data de publicação: outubro de 2023.

Referências

Barnard, C. I. (1971). *As funções do executivo*. Atlas.

Chia, R. (2003). Ontology: Organizations as “World-making.” Em S. R. Westwood e S. Clegg (eds.), *Debating organization. Poin-Counter point in organization studies* (pp. 98-113).

Faria, J. H. de (2014). Estudos organizacionais no Brasil: arriscando perspectivas. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 1(1), 56-64. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2014.v1n1.30>

Nord, W. R., Lawrence, T. B., Hardy, C. e Clegg, S. R. (2006). Introduction. Em S. R. Clegg, C. Hardy, T. Lawrence e W. Nord (eds.), *The SAGE handbook of organization studies* (pp. 1-15). Sage.

Ramírez-Martínez, G., Vargas-Larios, G. e De la Rosa-Alburquerque, A. (2011). Estudios organizacionales y administración. Contrastes y complementariedades: caminando hacia el eslabón perdido. *Revista Electrónica Forum Doctoral, Especial* (3), 7-54. <https://publicaciones.eafit.edu.co/index.php/forum-doctoral/article/view/2771/2580>

Westwood, R. e Clegg, S. (2003). Introduction: The power and politics of organization studies as a discourse. Em *Debating organization. Poin-Counter point in organization studies* (pp. 1-42).

Zemelman, H. (2005). Pensar teórico y pensar epistémico: los desafíos de la historicidad en el conocimiento social. Em H. Zemelman (ed.), *Voluntad de conocer: el sujeto y su pensar en el paradigma crítico* (pp. 63-79). Anthropolos.

Resumo do currículo dos editores convidados

O professor **Diego René Gonzales Miranda** é administrador de empresas pela Universidad de Antioquia (Colômbia); mestre em Administração de Negócios (MBA) e PhD em Administração pela Universidad Eafit (Colômbia), em que obteve o grau *Summa Cum Laude*. Também é doutor em Estudos Organizacionais pela Universidad Autónoma Metropolitana (México), onde se formou com a medalha de honra ao mérito universitário. É pesquisador sênior pelo Departamento Administrativo de Ciência, Tecnologia e Inovação da Colômbia (Colciencias, acrônimo em espanhol). Além disso, é professor titular de tempo completo vinculado à Escola de Administração da Universidad Eafit, onde é professor-pesquisador da unidade acadêmica de Alta Direção e professor da área de organizações em graduação e pós-graduação. Ainda, é professor visitante do doutorado em Gestão Estratégica do Consórcio de Universidades do Peru. É membro da Sala de Direito e Administração de Empresas da Comissão Nacional Intersectorial de Garantia da Qualidade do Ensino Superior (Conaces, acrônimo em espanhol); faz parte da Comissão Técnica de Gestão de Organizações do Instituto Colombiano para a Avaliação da Educação (ICFES, acrônimo em espanhol) e é parecerista do Conselho Nacional de Reconhecimento da Colômbia (CNA, sigla em espanhol). Também é presidente da Rede de Estudos Organizacionais da América Latina (Reol, acrônimo em espanhol) e coordenador da Rede de Estudos Organizacionais Colombiana (Reoc, acrônimo em espanhol). Publicou livros e artigos no âmbito nacional e internacional sobre temas de gestão humana, organizações, estudos organizacionais, identidade organizacional e geracionais. Sua atividade profissional gira em torno do interesse e preocupação acadêmicos orientados ao estudo das organizações e dos fenômenos inscritos em seu interior.

A professora **Maria Ceci Misockzy** é médica-sanitarista, mestra em Planejamento Urbano e Regional, e doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora titular integral vinculada à Escola de Administração da UFRGS e a seu programa de pós-graduação, Porto Alegre, Brasil. Também é *co-chair* do Critical Management Studies Internacional Board e secretária da Reol. É cofundadora e membro do Grupo de Pesquisa Organização e Práxis Libertadora. Sua atividade profissional se centraliza no interesse e preocupação acadêmicos orientados ao estudo de processos organizacionais de movimentos e lutas sociais populares e de trabalhadores; na crítica à economia política da organização; nas contribuições do pensamento crítico latino-americano para o estudo de processos organizacionais de movimentos e lutas sociais populares e de trabalhadores, e na produção social de políticas públicas.